



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - LICENCIATURA

**NOS BASTIDORES DA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR: A CONSTRUÇÃO
DE *A MAÇÃ NO ESCURO* NAS CARTAS PERTO DO CORAÇÃO**

ANA CAROLINA DANTAS CAMPANÁRIO

RIO DE JANEIRO

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - LICENCIATURA

**NOS BASTIDORES DA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR:
A CONSTRUÇÃO DE *A MAÇÃ NO ESCURO* NAS CARTAS PERTO DO CORAÇÃO**

ANA CAROLINA DANTAS CAMPANÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciatura em Letras, realizado sob orientação do Professor Doutor Marcelo Santos.

Rio de Janeiro
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - LICENCIATURA

**Nos bastidores da escrita de Clarice Lispector:
a construção de *A maçã no escuro* nas cartas perto do coração**

Por

ANA CAROLINA DANTAS CAMPANÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciatura em Letras, realizado sob orientação do Professor Doutor Marcelo Santos.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Dr. Marcelo Santos

Membro da banca Profa. Dra. Fabiana Bazilio Farias

Ó profundidade da riqueza, da sabedoria e do conhecimento de Deus!
Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!
Pois, quem conheceu a mente do Senhor? Quem se tornou seu conselheiro?
Quem primeiro lhe deu alguma coisa, para que lhe seja recompensado?
Porque todas as coisas são Dele, por Ele e para Ele.
A Ele seja a glória eternamente! Amém.

Carta do Apóstolo Paulo aos Romanos

Agradecimentos.

Gratidão a Deus por me proporcionar concluir mais uma etapa acadêmica.

Louvo a Deus pela vida da minha mãe, Jaqueline Dantas, por ser uma mulher corajosa e que mesmo não tendo a oportunidade de concluir o ensino superior sempre fez o possível para que suas filhas concluíssem.

Agradeço ao meu esposo, Danillo, por me apoiar.

Agradeço também, minhas irmãs, Juliana e Julia, por serem quem são.

Agradeço a Deus pela vida dos meus sobrinhos, Pedro, Agatha e Davi. Espero que os conhecimentos que adquiri ajudem na formação de vocês.

Agradeço ao meu irmão Milton Junior por me abençoar com sua amizade.

Agradeço ao professor Marcelo Santos pela paciência e por não desistir, não tenho palavras!

Agradeço a Deus pela vida de Clarice Lispector.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. LABIRINTO.....	11
2. GERMINAÇÃO.....	19
CONCLUSÃO: FRUTIFICAÇÃO.....	25
REFERÊNCIAS.....	28

Introdução

A troca de correspondências entre escritores representa um elemento crucial de estudo para aqueles dedicados a compreender o processo literário. As cartas revelam informações que vão além de meros dados biográficos, incluindo aspectos íntimos de autores. Isso possibilita a organização e análise desse acervo, visando esclarecer dúvidas sobre obras e seus criadores. Além disso, as cartas funcionam como um espelho, refletindo nuances do próprio desenvolvimento e criação das obras, tornando-se assim um local privilegiado para a formação de pensamentos e ideias.

Nesse contexto, a proposta é destacar a correspondência de Clarice Lispector trocada com Fernando Sabino, entre os anos de 1946 até 1969, considerando-a como uma "oficina" ou "registro" de criação literária. Essa correspondência não apenas serve como suporte essencial para a compreensão de sua obra ficcional e de suas concepções estéticas, mas também como um espaço onde podemos observar minuciosamente o processo relacionado à gênese da escrita de uma obra. Ao explorar esses manuscritos, podemos acessar os detalhes da análise e interpretação, identificando as motivações externas e as circunstâncias que deram origem e como foi o processo de desenvolvimento da escrita do romance *a maçã no escuro* de Clarice.

A carta, como texto literário, tem atraído atenção de leitores uma vez que é um gênero revelador de intimidade, revelador de assuntos que em um primeiro momento só estaria destinado a uma ou a algumas pessoas de um círculo pessoal. A epístola, no campo literário, sendo de cunho íntimo, constitui-se uma fonte de conhecimento sobre o processo de escrita e as concepções de vida do escritor. Percebemos, então, que a carta funciona como documento no qual o escritor, ao expor seus escritos íntimos, deseja revelar-se e revelar a estrutura interna de sua escrita. Sendo assim, as cartas tornam-se ferramentas que auxiliam no processo de construção da vida literária do escritor.

As correspondências trocadas entre os amigos escritores os tornaram cúmplices no fazer literário. A pesquisa se debruçou nessa cumplicidade e em que medida a escrita da obra *A maçã no escuro* foi influenciada pela amizade que sua autora mantinha com Sabino, que pode ser vista no trecho que segue:

Clarice, sua carta chegou como uma ventania: eu estava organizando uns formulários, pilhas de papéis em cima da mesa quando o contínuo se aproximou segurando uma carta para mim. Largou-a na minha frente, os papéis voaram. Olhei o remetente: Seminarstrasse! Fiquei idiota. (...) Mas essas coisas costumam acontecer.

(...) Atravessei um período duro, Clarice. Também precisei de uma palavra amiga. (...) Como você vê, não posso te mandar nenhuma palavra animadora. (...) Gostei muito da sua carta, me deu muita alegria. (SABINO, 2011, p. 24,30)

O gênero epistolar pode, então, revelar-nos a composição desse fazer literário que está em processo de amadurecimento e que carrega a cumplicidade de uma amizade que se constrói pela escrita. A reflexão sobre o ato de compor está explícita na correspondência dos escritores, e ela vem acompanhada de uma autorreflexão do escritor e da escrita:

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo. Ou pelo menos o que me faz agir não é o que sinto, mas o que digo. (LISPECTOR, 2001, p. 59.)

Os escritos trocados entre Clarice Lispector e Fernando Sabino desnudam detalhes biográficos e o processo de construção de obras que estavam em formação. Através das cartas notamos que para Clarice o ato de escrever é uma forma de sentir o mundo e resistir a ele. A cumplicidade criada por meio das correspondências contribuiu para a produção literária de ambos.

Trocamos ideias sobre tudo. Submetemos nossos trabalhos um ao outro. Juntos reformulamos nossos valores e descobrimos o mundo. (...) Era mais do que uma paixão pela literatura. (...) O que transparece em nossas cartas é uma espécie de pacto secreto entre nós dois, solidários ante o enigma que o futuro reservava para o nosso destino de escritores. (SABINO, 2011, p.8).

Neste percurso utilizaremos os estudos da crítica genética, mesmo que este trabalho não se constitua num estudo dessa natureza, para respaldar a pesquisa das correspondências trocadas entre os amigos escritores Clarice e Sabino. Sendo a crítica genética o “estudo de processos de criação que podem ser captados tanto nos rascunhos, [...], no texto publicado pelo escritor[.]”, e tendo em vista o caráter íntimo que as correspondências possuem, o estudo das cartas, de Clarice e Sabino, foi guiado por alguns elementos da crítica genética. A crítica genética refere-se ao estudo dos processos de criação e produção literária, especialmente através da análise de manuscritos, rascunhos e correspondências de autores. Nas correspondências, a crítica genética busca compreender o desenvolvimento do pensamento criativo, as influências externas, as escolhas editoriais e as transformações que ocorrem durante o processo de escrita. Examinando as correspondências dos amigos escritores, a crítica genética norteou a pesquisa auxiliando a busca para identificar as etapas do processo criativo. Isso proporciona percepções valiosas sobre a evolução da obra literária a maçã no escuro e contribui para uma compreensão mais profunda do processo criativo em si. A seguir

iremos caminhar pelo labirinto que foi a escrita de a maçã no escuro e mais adiante como a amizade de Fernando Sabino auxiliou Clarice na construção do romance.

Sendo o objetivo deste trabalho percorrer o labirinto do processo criativo utilizando as cartas trocadas por Clarice e Fernando e como essa amizade foi importante para a germinação do seu romance mais dolorido “meu livro há meses está parado por falta de movimento íntimo e êxtimo” e distinto, sendo o seu livro mais longo e tendo sua primeira personagem homem, se distinguindo dos seus romances anteriores. Vemos uma Clarice buscando o amadurecimento como escritora, “mas Fernando, o fato de você ter escrito este livro e eu ter escrito o meu, não é o começo da maturidade?” (LISPECTOR,2011,p. 177). A maturidade como escritora era uma busca importante para Clarice que em uma carta para Sabino no dia 24 de janeiro de 1957, opinando sobre o livro do amigo diz que “eu sinto que a maturidade é a coisa mais linda que pode acontecer a uma pessoa”. (LISPECTOR,2011,p.183).

Percebemos que as cartas trocadas entre Sabino e Clarice servem não apenas como um testemunho da amizade entre os dois escritores e do seu período literário, mas da mesma forma movem-se como literatura, nas quais a escritora projeta elementos da sua poética nas opiniões do seu amigo escritor revelando suas tendências literárias, comentando o próprio fazer literário e as novas ideias que surgem na busca pela autenticidade de uma identidade de escritor. “[...]a gente se angustia é por não saber intimamente o que está fazendo. Perde-se tempo, e há muita coisa de utilidade imediata atualmente esperando o nosso esforço. Então é preciso descobrir o que é o nosso livro.” (SABINO;2011,p.27).

1. Labirinto

E é nesse labirinto do fazer literário, nesse percurso intrincado de contar sobre a vida que acontece, vemos dois escritores que por vezes entram no itinerário cotidiano criado para desorientar quem se movimenta. E quando percebem que o desnorreamento sufoca a escrita de suas obras encontram alívio na amizade.

Que coisa está me acontecendo não sei dizer. Já me perdi em tantos pensamentos que se afinal eu pudesse fazer uma confissão que salvasse tudo, não saberia fazer. Era preciso que alguém desse as primeiras palavras ou todas por mim. (LISPECTOR,2011,p. 35)

A obra *A maçã no escuro* teve sua primeira publicação no ano de 1961, ano no qual a escritora residia em Washington pois era casada com o diplomata Maury Gurgel. Entretanto podemos ver nas cartas trocadas com Sabino, no ano de 1946, que Clarice, morando em Berna, Suíça, envia uma carta a Sabino informando sua frustração no desenvolvimento de sua escrita. “[...] Meu livro há meses está parado por falta de movimento íntimo e “êxtimo”.” (LISPECTOR ,2011,p.62)

Constatamos que Clarice está em um lugar de sofrimento, pois a própria autora escreveu em sua crônica “As três experiências”: “Eu nasci para escrever. A palavra é meu domínio sobre o mundo” (<https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/5887/as-tres-experiencias>, acessado em 01/02/2024). O labirinto do processo criativo coloca Clarice nesse lugar em que a palavra lhe falta. Podemos, em uma primeira leitura do romance *A maçã no escuro*, entender que a história trata do personagem Martim, que, diante de um suposto crime que ele teria cometido, foge e inicia uma jornada de vida clandestina em uma fazenda seguindo-se a sua prisão. Mas não precisamos ficar somente com essa leitura superficial. Podemos ousar e ir para a interpretação de que o crime de Martim impulsionou as ideias exploradas e foi determinante para o aparente caos da narrativa.

É comum que a obra de Clarice seja classificada, por alguns leitores, como vaga ou deixando ao final da leitura a pergunta “aonde ela quer chegar?”. Mas, ao mergulhar nas cartas, vemos que Clarice não quer ser de jeito nenhum taxada como enigmática, antes, sua escrita por vezes fragmentada é uma força que liga a temática do romance. Em *A maçã no escuro*, o crime é o foco de que afluem as temáticas do romance, levando a uma ramificação dos conteúdos e à quebra da linearidade deles. Quando avançamos na leitura, vemos que Clarice não se preocupa em contar uma história mas antes de fazer-se viver por essa história,

nos colocando, através da palavra escrita, nas três etapas ou nos vinte sete capítulos que é o próprio percurso da humanidade.

"Como se faz um homem", primeira parte do livro, acontece imediatamente após o divórcio com a sociedade, é a fase de isolamento interior completo, em plena solidarização da consciência, durante a qual o personagem, em meio aos rudes trabalhos do campo, reconhece a singularidade de seu individual, como podemos ver em: "No entanto, de dia a paisagem era outra, e os grilos vibrando ociosos e duros deixavam a extensão inteiramente aberta, sem uma sombra. Enquanto o cheiro era o seco cheiro de pedra exasperada que o dia tem no campo"(LISPECTOR,2015,p. 9), e em: "Boquiaberto, olhou em torno porque certos gestos se tornam aterrorizantes na solidão, com um valor final neles mesmos. Quando um homem cai sozinho num campo não sabe a quem dar a sua queda. Pela primeira vez desde que se pusera a caminhar, ele parou. Já não sabia sequer ao que estendera os braços. No coração sentia a miséria que existe em levar uma queda" (LISPECTOR, 2015, p. 19), e também em: "Até que agora – sem nenhum desejo, cada vez mais leve, como se também a fome e a sede fossem um desprendimento voluntário de que ele estava começando aos poucos a se envaidecer – até que agora ele avançava enorme no campo, olhando ao redor de si com uma independência que lhe subiu em prazer grosseiro para a cabeça, e começou a tonteá-lo em felicidade. "Hoje deve ser domingo" – chegou mesmo a pensar com certa glória, e domingo seria o grande coroamento de sua isenção. Hoje deve ser domingo! pensou com súbita altivez como se o tivessem ofendido na honra." (LISPECTOR,2015,p. 19)

A segunda, "Nascimento do Herói", é a fase de reconstrução de Martim como pessoa, quando ele, já ligado afetivamente a Vitória e a Ermelinda, se faz herói, capaz de auto sacrifício e destinado a desempenhar uma missão entre os homens, podemos ver nos seguintes trechos do livro a maçã no escuro: "Ele, que havia precisado de um grande crime para provar alguma coisa. Martim sabia que estava traindo o próprio sacrifício" (LISPECTOR, 2015,p. 182), "A moça ficou pois quieta nos seus lençóis como uma grande borboleta branca. E nada podia oferecer, em sacrifício de troca, pela morte" (LISPECTOR, 2015,p. 194), "Ouça, repetiu ela então, mais mansa como uma mãe que assustou o filho com um grito involuntário. Ouça: antes de vir para cá, eu era diferente, disse então como se remontasse ao começo dos começos, o que deu ao homem um cansaço prévio, e a seu rosto uma disposição heroica de sacrifício" (LISPECTOR,2015,p. 221).

A terceira, "A Maçã no Escuro", no fim do romance, com a chegada dos policiais, em que a sanção, desagregando essa identidade postiça de herói e anulando os efeitos de ruptura do delito, devolve o suposto criminoso ao "convívio dos outros" (NUNES, Benedito, 1973), como podemos ver me

"Nenhum ato heroico seu seria totalmente livre dessa experiência que se tornou imediatamente velha como a sabedoria."(LISPECTOR,2015,p. 142).

"Oh, mas eu também tinha o direito de tentar!", revoltou-se ele de repente, "eu queria o símbolo porque o símbolo é a verdadeira realidade! eu tinha o direito de ser heroico! pois foi o herói, em mim, que fez de mim um homem!" (LISPECTOR,2015,P.249)

Como podemos ver, tomando por base a fala do Benedito, o foco do romance é o protagonista Martins que transcende a ficção e participa do cotidiano da natureza. No romance, a consciência de Martim é o material mais usado, e é através dela que observamos os outros personagens, as paisagens e temas como: vida, morte, prazer, desejo, medo, coragem entre outros temas de cunho existencial. Vemos que os opostos sustentam a narrativa, opostos de sentimentos que ora aprisionam ora libertam Martim nesse percurso que ele está fazendo junto a sua consciência.

Em um primeiro momento vemos que o que tange o fluxo de consciência, que é muito explorado nas obras de Clarice, não apresenta uma sequência lógica entre o capítulo lido e o capítulo que se segue. Podemos destacar aqui um poema em prosa que Clarice coloca no meio de uma descrição da personagem Vitória: "E de tal modo nesta semana já havia acontecido o que quer que fosse, e de tal modo se haviam ligado os elos invisíveis que, ao fim de sete dias, sucedera essa coisa de que inesperadamente se toma consciência: um passado" (LISPECTOR, 2015,p. 68)

Deixa-se, assim, a impressão de um caos narrativo, um amontoado de ideias que assustam o leitor. Mas esse é um recurso importante que Clarice usa para representar a fluidez da consciência do protagonista do romance. Na maioria das vezes os assuntos, de forma abrupta, mudam e ficamos tateando na leitura. Mas não são assim também nossos pensamentos? Somos repentinamente inundados a todo momento por ideias e assuntos diversos em nossa mente. Nossa consciência nos bombardeia com inúmeras situações e versões de acontecimentos e simulações de situações que poderiam ter sido reais. A leitura do romance nos aproxima de Martim à medida que há uma humanidade latente nesse

personagem que está em uma busca pela descoberta de si. Clarice usa o recurso do caos da consciência, a bagunça interior de Martim para descortinar as temáticas do romance. Vemos então que há uma predominância do narrador onisciente; o foco narrativo está na terceira pessoa, o que leva a vermos Vitória, Martim e Ermelinda agirem por si mesmos e como a narradora Clarice controla cada movimento das personagens como se estivesse moldando a individualidade de Martim, por exemplo.

O romance começa com Martim fugindo após acreditar ter cometido um assassinato. Ele se refugia em uma fazenda isolada, onde conhece Vitória e Ermelinda. Ao longo da narrativa, Martim passa por uma transformação profunda, questionando sua identidade e propósito. A história é uma exploração da condição humana, da busca por sentido e da possibilidade de redenção.

Lispector constrói um universo onde as ideologias pessoais são tão importantes quanto os eventos externos. Através de uma prosa introspectiva e poética, a autora nos convida a refletir sobre a complexidade da mente humana e a busca incessante por sentido e verdade.

O narrador focaliza Martins dando-nos indicações de que se trata de uma personagem cujo ponto de vista orientará a narrativa, a produção da significação através da linguagem.

Nos três primeiros capítulos da primeira parte do romance, percorremos o itinerário, trata-se da travessia de Martin , onde está implícita a experiência do narrador. Vemos que Martim, o protagonista, percorrerá um roteiro abstrato em busca de uma solução existencial. O narrador descreve o despertar da consciência de um ser “sem linguagem”. Um nascimento que se configura numa negativa a ser corrigida na formação voluntária de um destino, uma recusa a um modo de ser. Aqui a narrativa se apoia em um mergulho no passado do que na projeção do futuro. Isso diz respeito às reflexões e os sentimentos do passado sendo relatados como acontecimentos, que na A maçã no escuro o protagonista, primeiramente, desenraiza o seu passado num ato de recusa e em seguida, n o andamento do seu trajeto, consulta-o sublimando suas imperfeições e deixando um ar de mistério, um ausência de finalidade. Martin procura uma verdade existencial porém não vemos algum tipo de esperança nesse percurso em encontrá-la.

Ao abandonar o lugar que lhe era familiar, Martim necessita de um espaço que abrigue as imagens que surgem da consciência, como um sentimento de seu destino moral tomado em sua totalidade , e que conceda uma sensação de proteção. Ele se dirige a um hotel, o quarto

que se hospeda, seu lugar íntimo, a imagem de seu momento atual, onde a imaginação descobre a liberdade e suas aspirações comuns levadas ao patamar de experiência. Ali, na intimidade, Martim analisa seus feitos, suas tribulações os percalços enfrentados até ali e busca na sua individualidade descobrir uma existência mais livre. Mas sua consciência, sua existência está vinculada ao mundo exterior, metaforizada pelo jardim, espaço onde o homem está em submissão perante a ordem do mundo.

Nada porém se mexia no oco do aposento que de escuro se tornara enorme. O homem ficou resfolegando atento e inutilmente feroz, com as mãos avançadas para o ataque. Mas o silêncio do hotel era o mesmo da noite. E sem limites visíveis, o quarto prolongava no mesmo exalar-se a escuridão do jardim. Para se despertar o homem esfregou várias vezes os olhos com o dorso de uma das mãos enquanto deixava a outra livre para a defesa. Foi inútil sua nova sensibilidade: nas trevas os olhos totalmente abertos não viram sequer as paredes. (A maçã no escuro p. 17)

A sucessão de acontecimentos a seguir que cria a trajetória de Martim nos parece num primeiro momento arbitrária, mas não é. Martin rompe com as configurações sociais e parte para uma aventura, que é representada por sua fuga que nada mais é do que um processo de autoconhecimento, levando gradativamente a aceitação do código social.

Percorremos esse caminho embaraçado com Clarice que, de forma introspectiva e dolorosa, desnuda o processo criativo já na própria malha do romance e de sua obra. Podemos ver a nudez em uma carta de junho de 1946, na qual Clarice expõe o impacto da crítica negativa de sua obra, perto do coração selvagem, feita por Álvaro Lins:

[...] nota de Álvaro Lins dizendo que meus dois romances são mutilados e incompletos, que Virginia parece com Joana, que os personagens não têm realidade, que muita gente toma a nebulosidade de Claricinha como sendo a própria realidade essencial do romance, que eu brilho sempre, brilho até demais, excessiva exuberância. Com o cansaço de Paris, no meio dos caixotes, femininamente e gripada chorei de desânimo e cansaço. Só quem diz a verdade é quem não gosta da gente ou é indiferente. Tudo o que ele diz é verdade. Não se pode fazer arte só porque se tem um temperamento infeliz e doidinho. Um desânimo profundo. Pensei que só não deixava de escrever porque trabalhar é a minha verdadeira moralidade. (LISPECTOR, 2002, p. 22).

No trecho acima, vemos que Clarice, desanimada, descreve o local em que leu a crítica de Álvaro Lins. Clarice expõe seu mundo interior diante do seu exterior que também, naquele momento, está caótico. Não se intimida em revelar seu íntimo ao amigo escritor que, diante da frustração de uma crítica negativa sente-se insegura diante do olhar do outro, pois esse outro a vê como escritora, sendo que Clarice ainda está nesse labirinto que é o fazer literário e com muita dificuldade em gerar sua escrita. Luta com uma tendência de se sentir inapta,

incapacitada de forma que consiga dizer tudo o que precisa ser dito, pois sente que nasceu para isso.

Adiante, na carta, em resposta, com data de julho de 1946, vemos que Sabino captou a angústia de Clarice. A angústia de: por que se escreve?, onde se quer chegar?, na realidade, com a escrita e a incerteza se sua obra será compreendida pelos críticos e por seus leitores.

[...]a inteligência vai te angustiar na procura do meio mais certo, mais eficiente e mais perfeito de quebrar ou de fazer. mas a insaciedade que te faz artista vai te atirar numa procura muito mais afetiva, digna e criadora: saber o que é uma cadeira, e que proveito os outros tiraram da pedra que você vai quebrar. Só assim você estará sendo artista. Sem saber isso você será escravo. A gente se angustia com o livro que está sendo escrito, não é porque está difícil, ou porque esbarrou no beco sem saída, coisa assim: se angustia é por não saber intimamente o que está fazendo. Perde-se tempo, e há muita coisa de utilidade imediata atualmente, esperando o nosso esforço.” (SABINO, 2011, p. 27).

Sabino é este íntimo leitor, amigo escritor que está atento a esse percurso feito por ambos no processo criativo. Ele sugere modificações na própria constituição da narrativa além de ajudar Clarice junto com as editoras na publicação do livro.

[...] Fernando, que editor você acha que quereria publicar “A veia no pulso”? (O livro tem 400 páginas). Se você me disser o nome de dois ou três possíveis, eu escreverei para eles, “oferecendo”. Mas queria que fosse um editor que pudesse publicar sem demora, o mais rápido possível. (LISPECTOR, 2011, p. 121)

No fragmento acima podemos perceber a importância de Sabino como uma ponte para que a história seja publicada, tendo em vista que ela se encontrava geograficamente longe das editoras. Sabino, além de amigo confidente, é também a pessoa que intermedia a escrita de Clarice com as editoras. Mas não somente isso, vemos que Clarice está impaciente e pede urgência na publicação da sua obra que no momento tinha o nome “A veia no pulso”. Há uma impaciência da parte de Clarice em ver sua obra concluída.

Constatamos que a escrita de *A maçã no escuro* é torturante, é dramática visto que, para decidir sobre o título, precisou da ajuda de Sabino, como podemos ver em carta enviada no dia sete de maio de 1956:

Estou copiando meu romance, por assim dizer terminando. acho que vai se chamar “A veia no pulso”. Mas o nome me parece tão solto, às vezes. Quanto eu daria para você ler e me dizer o que devo ou não tirar, se o livro está ambicioso ou pretensioso, só Deus sabe, eu sei. Já me sinto longe dele, ele não me diz mais nada [...]. (LISPECTOR, 2011, p. 121).

Clarice vê na opinião de Sabino um refúgio diante da inquietude produzida pela tentativa de finalização da obra:

Claro que quero que você o comente comigo antes mesmo da publicação! E pelo amor de Deus, me dê a honra de ser franco. Eu poderia dizer a você já agora o que acho dele. Mas prefiro que você leia antes e depois lhe farei perguntas. O que acho dele faria com que você tivesse preguiça antes de começar. (LISPECTOR, 2011, p. 125).

A leitura de *Cartas perto do coração* (2011) suscita várias perguntas. Ao longo da obra, Fernando e Clarice buscam descrever os ambientes nos quais se encontram durante a redação das cartas. Podemos observar que, nas primeiras correspondências de Clarice Lispector a Fernando Sabino, as primeiras impressões de Berna vão além do silêncio e tédio que virão a marcar a cidade: "Berna é encantadora e pacífica, mas a vida é cara e as pessoas não são atraentes;" É evidente que, no meio da serenidade e do silêncio de Berna, Clarice experimenta a sensação de estar "fora de lugar". Assim, percebemos que a caracterização do local vai além do mero relato dos eventos que ocorrem.

Nas correspondências de Clarice, ela descreve a cidade com o objetivo consciente de associar a si mesma o silêncio e o tédio presentes em seu interior. De certa forma, o local representa apenas o vazio que preenche o seu próprio ser. Em várias passagens, a narrativa sobre o ambiente serve apenas como um meio de expressar sua própria experiência. É uma maneira de se aproximar da construção de sua identidade. Um exemplo disso é quando Lispector aborda o período chuvoso na cidade em que se encontra, mas de repente introduz a "tempestade interior" que a aflige.

Esta chuva que está caindo é uma maravilha e tem também um pouco de sol: chuva e sol, casamento da raposa com o rouxinol. Estou cheia de problemas e a cada dia um deles entra em estado de crise, sem socorro. Interrompi mesmo o trabalho, minha impressão é de que é para sempre. (...) Tenho outros problemas também, Fernando, e por carta não saberia falar. (LISPECTOR; 2011, p. 35-36).

Frequentemente, a carta é motivada por uma intenção de assistência. O remetente procura, por meio da correspondência, expressar-se e obter ajuda. O efeito que a carta tem sobre o destinatário, mas que também se manifesta no remetente, implica uma reflexão interna, assemelhando-se a um processo de autoanálise, uma revelação de si mesmo para o outro. Para confirmar o que foi escrito acima podemos citar José-Luiz Diaz: Enfim, no topo da cadeia temporal, há igualmente os casos gloriosos nos quais a carta perde seu estatuto de documento único, cedidos sem retorno pelo remetente a seu destinatário em troca de uma resposta.

Na carta de 3 de agosto de 1946, Fernando Sabino explora o tema da assistência sempre presente nas correspondências entre eles. Para o autor, a ajuda prestada à amiga não passava de um processo egoísta ou, de certa forma, de um movimento simulado. O autor

retrata a imagem de si mesmo como alguém que, em todos os atos de caridade, busca incessantemente o alívio de suas próprias angústias, estendendo essa imagem do "eu" a Clarice.

A gente procura ajudar-se a si mesmo apenas, e usa todos os caminhos, inclusive os indiretos, de cinco ou seis destinos que a gente pode tocar com as mãos. Ninguém ajuda ninguém, e a verdade é que estamos sozinhos, cada um consigo mesmo. (...) Todo gesto de ajuda é o extremo oposto da caridade: é um movimento simulado”. (SABINO, 2011, p. 42.)

2. Germinação

Uns dos sinônimos de germinação é desenvolvimento, crescimento. A amizade mantida pelos escritores Sabino e Lispector, em certa medida, contribuiu para a germinação das obras que ambos estavam escrevendo e não somente isso, mas na mesma medida contribuiu para a germinação deles como escritores. A obra de difícil escrita, como deixa claro em várias cartas enviada para o amigo, recebe ajuda de Sabino que prontamente se disponibilizou em apoiar Clarice e percorrer o labirinto que é o processo criativo (LISPECTOR;2011,p.62).

Antes de explorarmos as mudanças que a amizade com Sabino produziu na ficção clariciana, seria interessante pontuar que possivelmente uma das obras menos exploradas dentro do conjunto ficcional de Clarice Lispector é *A maçã no escuro* que nos mostra o amadurecimento de Clarice como escritora. Nesse contexto, Benedito Nunes (1973) emerge como um intérprete do romance, oferecendo contribuições significativas que preenchem lacunas na trajetória de Martim. A interpretação que Nunes realiza da narrativa se dá pelo viés existencialista e religioso. Suas interpretações não apenas auxiliam em nossas próprias leituras, mas também destacam a presença contínua e a relevância da obra para trilharmos junto com Clarice a construção do processo criativo e a sua relação com a palavra, com o que tem que ser tido mas ainda não tem nome.

Este ensaio é uma tentativa para interpretar coerentemente a ficção de Clarice Lispector, cuja importância cresceu muito, sobretudo depois do aparecimento de *A Maçã no Escuro* (1961). [...] Preocupamo-nos mais em caracterizar a atitude criadora da romancista, e a concepção-do-mundo, marcadamente existencialista, que com essa atitude se relaciona, do que em analisar a estrutura da criação literária propriamente dita. (NUNES, 1966, p. 11-12).

Percebemos que a construção de si como ser que se interessa constantemente pela criação literária aparece com bastante clareza tanto em Clarice quanto em Fernando. Clarice, envolta em dúvidas sobre seu romance, acaba enviando os originais de sua obra para Fernando Sabino para que seu amigo, após lê-los, faça as correções que considerar relevantes. Ao final da citação, e em outras cartas, Clarice demonstra uma certa apatia e por vezes apreensão diante da escrita de sua história.

Fernando, eu pretendia responder imediatamente sua carta, mas me deu pânico em relação ao livro, um desses frios que se tem quando se vê sem ilusões a realidade. (LISPECTOR; 2011,p.125)

De acordo com as observações de Clarice, divulgar o romance rapidamente representaria conceder-lhe uma sensação de liberdade. Em relação à autonomia reivindicada por Lispector, nota-se uma espécie de esgotamento na narrativa de Martim, um personagem em fuga após perpetrar um ato violento contra a esposa, acreditando tê-la matado. Ao encontrar uma fazenda que pertence a uma mulher chamada Vitória, o fugitivo experimentará conviver com elementos da natureza fortemente caracterizado como "primitivo" e orgânico. Como Martim, Clarice está presa na escrita do romance. Está cativa diante do dizer, do dizer que não se sabe o nome que ainda não tem nome. Podemos entender, diante do exposto que para Clarice sendo a palavra seu controle sobre o mundo a insegurança gerada quando lhe falta a capacidade de nomear, de dizer é no mínimo insuportável. A amizade de Sabino ajuda Clarice a suportar esse percurso embasado que por vezes o processo criativo leva os seus eleitos.

O primeiro auxílio de Fernando, além de insistir em ler o romance é ajuda a amiga sugerindo um título, como podemos ver na carta do dia 7 de maio de 1956, Clarice expõe que sente que o O título está "solto" (LISPECTOR;2011,p. 121). Título esse, que naquele momento ainda era "*a veia no pulso*". Segundo o seu amigo João Cabral de Melo Neto, poeta e diplomata, que estava em Sevilha, sugeriu em carta enviada a Clarice, no dia 06 de fevereiro de 1957, que o título a veia no pulso não era cacófato, no máximo pareceria ambíguo (MELO NETO; 2002,p.215). Não vemos no livro correspondências, organizada por Teresa Monteiro, uma resposta de Clarice sobre a opinião de João Cabral de Melo Neto, dando-se assim o assunto por encerrado. Entretanto, a opinião de Sabino tem um tom mais íntimo. As correspondências trocadas com Sabino deixam claro que sua influência sobre o processo criativo de Clarice, especialmente na obra *A maçã no escuro*, foi fundamental para a conclusão da obra.

O título, como comprovam os diálogos, foi motivo de muito debate, mas Clarice leva em conta a opinião do amigo que por vezes via-se, também, confuso na busca por um título que fizesse jus à obra. "Parei para pensar o que é o seu livro, no todo, achar um título, fiquei pensando no crime de Martin e acabei concluindo que o livro se chama " O Crime não Compensa". Acho que com essa vou dormir.[...] vou pensando nesse problema do título para ver se encontro alguma sugestão (SABINO; 2011,p.137)."

Na mesma carta do fragmento acima, ao final, Fernando escreve que não sente o livro em tom maior (SABINO;2011,p.137,138). Clarice entende que o amigo está se referindo ao

fato de a escrita ter muitos gritos e exclamações e diante da cena do personagem Martim ajoelhado pedindo perdão, tornaria a história sentimental (LISPECTOR;2011,p.133). “Então Martim se ajoelhou diante dela e disse: – Perdoe (LISPECTOR;1999,p.326).” Na realidade Sabino diz que essa cena o emocionou e que a escrita do romance não tem um “tom maior”(SABINO;2011,p.138), e minimiza as alterações feitas, e que por isso não custava fazê-las.

Clarice, já esgotada da escrita do romance, encontra abrigo nas modificações propostas por Sabino. Segundo Sabino, o romance forma uma unidade conceitual completa. Entretanto, na sua interpretação, existem elementos estruturais que poderiam ser removidos, ou seja, algumas frases, na visão do autor, desviam-se do significado geral do livro.

Para começar, não achei o tom de seu livro conceituoso nem dogmático; conceituosos e dogmáticos, na minha opinião, são exatamente algumas frases que marquei e que por isso mesmo fogem ao tom geral do livro, tom este absolutamente adequado ao que você tentou, e conseguiu, dizer. São apenas andaimes, que podem ter ajudado a concepção do livro, mas que devem ser retirados, obra acabada –e neles incluo o “prefácio” e o uso excessivo da primeira pessoa (onde assinalei). Todo mundo sabe que um construtor constrói uma casa para outra pessoa morar e para isso ele põe na construção uma placa com seu nome–mas depois da casa pronta não é preciso placa nenhuma para todo mundo saber que alguém (que não mora ali) a construiu.(SABINO, 2011, p. 134)

Iremos, diante do que já foi exposto, relacionar o processo criativo da construção do protagonista Martin, e a luta travada por Clarice na finalização da ficção *A maçã no escuro*, tendo em vista que cinco anos após sua escrita é que o livro foi publicado e, como já mencionado nos diálogos trocados com Sabino, Clarice está, na escrita do livro, de luz apagada, “Se você tiver alguma iluminação, me ilumine, estou de luz apagada” (LISPECTOR;2011,p.142).

No romance "A Maçã no Escuro" de Clarice Lispector, o protagonista Martim se envolve de fato em relações textuais que investigam mais as configurações de signos do que as representações convencionais. Martim, ao escapar de uma cena de crime, embarca em uma jornada introspectiva que questiona as convenções de significado e representação. Em vez de adotar uma narrativa linear e explícita, Lispector recorre a uma linguagem que frequentemente se assemelha à poesia, explorando a incerteza e a complexidade da experiência humana. Dessa maneira, ao interagir com a natureza, Martim se torna uma exceção à cultura, enquanto com as personagens femininas estabelece um fluxo estético

cuidadosamente elaborado, caracterizado por uma construção semântica e sintática elevada ao extremo. Benedito Nunes traduz essa forma de elevação estética textual da seguinte maneira:

Nesse estado de esvaziamento, mas também de receptividade às coisas, que a recusa da palavra e o silêncio determinam, Martim está mais próximo da natureza do que das duas mulheres da fazenda. Com aquela estabelece a intimidade de um contato silencioso, contemplativo, mas satisfatório, através de rápidas frases monologais, à beira do inexprimível; com essas últimas, o distanciamento de um contato verbal elíptico e reticente, mas insatisfatório, através de diálogos esporádicos que pouco ou nada dizem. (NUNES, 1995, p.43).

Todavia vemos que nesse percurso em que Clarice está se deslocando, ela, na mesma medida, está na busca pelo que precisa ser dito mas ainda não consegue nomear, como comenta com o amigo em carta do dia 27 de julho de 1946 em Berna “ Que coisa está acontecendo eu não sei dizer. Já me perdi em tantos pensamentos que se afinal eu pudesse fazer uma confissão que salvasse tudo, não saberia fazer (LISPECTOR;2011,p.35).Era preciso que alguém desse as primeiras palavras ou todas por mim.” Ora esse percurso também não está sendo feito por Martin?

Não sei mais falar, disse então para o passarinho, evitando olhá-lo por uma certa delicadeza de pudor. Só depois pareceu entender o que dissera, e então olhou face a face o sol. ‘Perdi a linguagem dos outros’, repetiu então bem devagar como se as palavras fossem mais obscuras do que eram, e de algum modo muito lisonjeiras. Estava serenamente orgulhoso, com os olhos claros e satisfeitos. Então o homem se sentou numa pedra, ereto, solene, vazio, 15 segurando oficialmente o pássaro na mão. Porque alguma coisa estava lhe acontecendo. E era alguma coisa com um significado. Embora não houvesse um sinônimo para essa coisa que estava acontecendo. (LISPECTOR, 1999, p.31).

Conforme evidenciado no trecho anterior, Clarice Lispector parece abordar a escrita de uma maneira que desafia convenções linguísticas. Ela constrói um corpo de texto utilizando elementos do ambiente, resultando em uma composição que escapa à apreensão direta, enquanto mantém sua prática de escrita guiada por uma lógica fundamentada na constante contradição originada no confronto entre significados.

Sabino, pelo que parece nos apontamentos feitos por ele, “Pág.30(1ª linha e seguinte) - ótimo.”, apoia o trecho da amiga escritora e como também está na busca (SABINO;2011,p. 146).

Vemos que no ano de 1957, Fernando Sabino escreve uma carta para Clarice e ao final expressa sua surpresa por ela ter aceito todas as suas sugestões de mudança dos trechos que ele identificou. A surpresa foi tão intensa que sabido de uma certa forma fica constrangido como ele comenda em uma carta do dia 19 de dezembro de 1956: “Outra coisa: ainda não comentei com você o rigor de suas emendas - fiquei encabulado de ver que você seguiu ao pé

da letra demais as minhas sugestões - fiquei com medo de ter exagerado, pensando até em voltar atrás em alguns casos.” No dia 24 de Janeiro de 1957, Clarice escreve pela última vez sobre o livro *a maçã no escuro*. No começo da carta ela opina sobre as impressões que o amigo mostra em achar que o seu livro (encontro marcado) tem um ar de cinismo em sua escrita. Ela rebate consolando o amigo, expressando que a escrita do livro não é cinismo e sim coragem por ter escrito e assumido o risco. (CLARICE, 2011,p. 182). Ao final da carta Clarice se refere ao fato de Fernando ter ficado constrangido por ela ter aceitado todas as sugestões do amigo escritor. Ela revela que houve sim discussões internas sobre se deveria ou não acatar as opiniões do amigo (CLARICE,2011,p. 185). Ela admite que precisou recusar sua teimosia rotineira e aceitar as sugestões do amigo pois era correto fazer dessa forma. Percebemos que a escrita de uma obra é antes uma escrita de si, em certa medida uma forma de alcançar o amadurecimento.

As sugestões que Sabino apontou foram levadas à risca por Clarice, pois, como vimos durante a trajetória da escrita do romance, o amigo escritor de Clarice foi seu confidente, conselheiro, leitor, crítico literário e admirador de sua escrita. Sendo assim, Clarice tinha um refúgio enquanto escritora, sabendo que Sabino iria ser um suporte em momentos que ela estivesse insegura com sua escrita. Em uma carta enviada de Washington no dia 8 de Janeiro de 1957, logo depois da carta que Sabino diz que ficou constrangido por Clarice seguir todas as sugestões, a escritora diz que gostou muito do livro de Sabino (*Encontro marcado*) e que teve a impressão que Sabino, durante a escrita do livro, não parou um instante para achar uma “solução literária”, que nem uma vez ele se viu diante de um impasse, diante de uma pergunta: que jeito dou nisso?”(CLARICE,2011,p.178). Justamente era esse o impasse que Clarice viveu algumas vezes na escrita do romance *A maçã no escuro*, como podemos ver em carta enviada a Sabino no dia 12 de novembro de 1956, onde Clarice pede iluminação pois estava de luz apagada. (LISPECTOR, 2011, p.142.)

Dito isto, podemos verificar na crítica genética algum respaldo para concluir que as cartas trocadas entre Clarice e Sabino não foram somente conselhos trocados por amigos escritores mas antes um laboratório de criação literária. Podemos ver em Diaz, J.-L. (2007) que: “antes de ser um objeto postal, assinalado ao longo da sua trajetória uma série de impressões alógenas que lhe marcarão para sempre o próprio “corpo”, a carta chamada massiva é texto, mais frequentemente, “autógrafo”.” Tendo a carta esse tom autógrafo, sendo essa representação de um tempo através da escrita e das emoções daquele que escreve servindo como uma oficina na qual o escritor através do destinatário, lapida a escrita e a si

mesmo. Vimos que a primeira carta que foi escrita por Clarice em Berna no ano de 1946, tinha quatro remetentes e vemos que em um primeiro momento, nas primeiras cartas elas são o rascunho do cotidiano. Diaz (2007) também reflete sobre isso “ O caso em que a carta do escritor testemunha a gênese de uma obra literária - da qual funciona como uma laboratório ou simplesmente como caixa registradora[...]”

Conclusão: Frutificação

As cartas trocadas entre os amigos escritores, Fernando Sabino e Clarice Lispector, não é somente a construção deles como escritores, mas antes o ateliê das suas obras literárias e seu amadurecimento como nomes importantes da literatura brasileira. Essa amizade que a escrita uniu foi decisiva para mudanças fundamentais na obra *A maçã no escuro*, e para que Clarice refletisse sobre sua escrita no período em que ela se dedicou à escrita do romance. Como já mencionamos acima, Sabino sugeriu modificações no romance e Clarice acatou todas as modificações propostas pelo amigo escritor.

A seguir faremos um breve panorama das mudanças propostas por Sabino com o caráter de exemplificar os níveis e os tipos de alteração que a escritora acatou na finalização da escrita de seu livro.

Clarice escreve: “Roda imaginária do gidon”. Sabino não entende essa frase e propõe: “Roda imaginária de um volante”. Edição final: E este tombara confiante no sono como se ninguém jamais conseguisse tirar de sua firme garra, que prendia apenas o lençol, a roda imaginária de um volante. (LISPECTOR,2015.p.10)

Clarice escreve: “Quinhentos quilômetros” e Sabino propõe cinquenta pois quinhentos quilômetros é uma distância considerável e não ficaria coerente. Edição final: Quando a nova estrada fora traçada e asfaltada a cinquenta quilômetros dali, desviando para longe o curso de passagem, o lugar todo morrera e não havia mais motivo de alguém vir a precisar de hotel na zona agora entregue ao vento. (LISPECTOR,2015.p. 11)

Clarice escreve: “remotidão” Sabino acha a palavra estranha e pontua que talvez a palavra nem exista. Assim como a palavra “indeferenciadamente”. Edição final: Clarice retira as duas palavras do livro.

Clarice escreve: “Até que nada aconteceu”. Sabino diz que dispensável a explicação que se segue, empobrece o achado. Eu cortaria de “O que” até “ Só então” Edição final: Ele esperou um pouco mais. Até que nada aconteceu. (LISPECTOR,2015 p.13)

Clarice escreve: “Não especificamente sexual”, Sabino acha ruim. Edição final: Clarice retira a frase do livro.

Clarice escreve: “é que tudo para ele”, Sabino diz não entender essa frase. Edição final: Clarice retira do livro a frase.

Clarice escreve: “ a alegria de não aludir” Sabino não entende essa frase no contexto. Na edição final temos Quatro a alegria de: “Os cães rosnavam indecisos, contendo o esfogueamento e a alegria de uma luta” (LISPECTOR,2015,p. 46)

Mas também é verdade que, a essa altura, a alegria de viver já o tomara, essa alegria fina que às vezes nos toma no meio da própria vida como se a mesma nota de música se intensificasse: essa alegria o tomara e o guiava instintivamente na luta. (LISPECTOR,2015,p.78)

E foi então que, como se seus olhos a olhassem de frente, ela teve a ideia de si mesma como se se visse: e o que viu foi uma moça sozinha naquele mundo gotejante, com um ombro descoberto pelo lençol que a enrolava mal, os cabelos soltos e aquele rosto em cuja fácil indecisão se pintara agora a alegria de viver.(LISPECTOR,2015,p.197)

Mas para nós a alegria tem que ser como uma estrela abafada no coração, a alegria tem que ser apenas um segredo, a natureza da gente é o nosso grande segredo, a alegria deve ser como uma irradiação que a pessoa jamais, jamais deve deixar escapar. (LISPECTOR,2015,p.218).

Sabino recomenda trocar “aquele homem” que a escritora usa 115 vezes no romance por “ele”, pois daria no mesmo segundo o escritor. (SABINO,2011,p.152). Edição final: Era preciso ter muita paciência com ele, ele era lento. Que queria ele? (LISPECTOR,2015,p. 104

Esse caminho que foi percorrido através das cartas trocadas por Clarice e Sabino moldou o presente trabalho e teve como objetivo, destacar a importância das correspondências entre os escritores para o estudo do processo literário, revelando informações íntimas e biográficas que vão além dos dados tradicionais. As cartas são vistas como espelhos que refletem o desenvolvimento das obras e a formação de pensamentos e ideias dos escritores amigos.

Especificamente, a correspondência entre Clarice Lispector e Fernando Sabino, de 1946 a 1969, foi analisada como uma “oficina” como um “laboratório” de criação literária. Essas cartas são essenciais para compreender a obra ficcional de Clarice e suas concepções estéticas, além de oferecerem uma visão detalhada do processo de escrita do romance a maçã no escuro. Foi explorado como os autores se abriam a exames de consciência compartilhados pela amizade que nutriam um pelo outro e contemplando suas vidas e criações artísticas. Através das cartas, refletimos sobre as semelhanças entre a escrita e suas vidas, entendendo as

cartas como depósitos dos impulsos iniciais que deram origem aos escritos de Clarice e especificamente o romance *a maçã no escuro*.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Martha. **Instituto Moreira Sales** Disponível em: <https://site.claricelispector.ims.com.br/livro/a-maca-no-escuro/>. Acesso em: 20/12/2023.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- COSTA, F. L. da; HOLANDA, S. A. de O. **Dois leituras de *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector**: da abordagem existencial, de Benedito Nunes, ao chamado selvagem, de Evando Nascimento. *Muitas Vozes, [S. l.]*, v. 9, n. 2, p. 545–558, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/15246>. Acesso em: 7 set. 2024.
- DIAZ, J.-L. **Qual genética para as correspondências?**. Manuscrita: Revista De Crítica Genética, 15, 119-162. (2007)
- FERREIRA, Teresa Cristina Monteiro. **Eu sou uma pergunta: Uma Biografia de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- GUIDIN, Márcia Lígia. **Roteiro de Leitura: A hora da Estrela de Clarice Lispector**. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **A Maçã no Escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. **As Três experiências, 1968 - Portal da Crônica Brasileira** <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/5887/as-tres-experiencias>, acessado em 01/02/2024.
- LISPECTOR, Clarice. **Correspondências/ Clarice Lispector**; Organização Teresa Monteiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- NOLASCO, Edgar César. **Restos de ficção: A criação biográfica-literária de Clarice Lispector**. 2003. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.
- NUNES, Benedito. **Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo, Quiron, 1973.
- ROCHA, Fátima Cristina Dias. **A escrita de si na Correspondência de Clarice Lispector**. Ensaio.
- SABINO, Fernando. **Cartas perto do coração**. Fernando Sabino e Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. **Clarice Lispector: linguagem**. In: Com Clarice/ Affonso Romano de Sant’Anna, Marina Colasanti. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 59-75.
- VIEIRA, Júlio César; OLIVA, Osmar Pereira . **Crime e libertação — Um estudo de “A maçã no escuro”, de Clarice Lispector**. *Revista de Letras*, vol. 51, no. 2, 2011, pp. 171–90. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/23611236>. Accessed 7 Sept. 2024.